

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Artes e Libras/ Curso de Cinema
Disciplina: Imagens da Cidade - 2016/2
Prof^a.: Aglair M. Bernardo
aglair.ufsc@gmail.com

Ementa: A cidade enquanto um texto fragmentado em múltiplas possibilidades e formas de expressão. A cidade enquanto uma pluralidade sónica, um pluriespaço, um plurilugar. Arte e cidade, cidade e gênero, territorialidades marginais, cidade e vigilância.

Objetivo: A ideia é ensaiar através da produção de textos (audiovisual, visual, poético, áudio entre outros) alguns níveis de percepção e recepção do espaço/lugar urbano. Percebê-lo, através da construção de um olhar sensível e crítico, a sua polifonia e interpretá-lo utilizando-se de diferentes pontos de vista.

“O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas / Que cresceram com a força de pedreiras suicidas / Cavaleiros circulam vigiando as pessoas / Não importa se são ruins nem importa se são boas / E a cidade se apresenta centro das ambições / Para mendigos ou ricos e outras armações / Coletivos, automóveis, motos e metrô / Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs / A cidade não pára, a cidade só cresce / O de cima sobe e o de baixo desce / A cidade se encontra prostituída / Por aqueles que a usaram em busca de saída / Ilusora de pessoas de outros lugares / A cidade e sua fama vai além dos mares / No meio da esperteza internacional / A cidade até que não está tão mal / E a situação sempre mais ou menos / Sempre uns com mais e outros com menos / A cidade não pára, a cidade só cresce / O de cima sobe e o de baixo desce / Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu / Tudo bem envenenado, bom prá mim e bom prá tu / Prá a gente sair da lama e enfrentar os urubu / Num dia de sol Recife acordou / Com a mesma fedentina do dia anterior.” (A Cidade - Chico Science & Nação Zumbi)

“Não saber se orientar numa cidade não significa muito. Perder-se nela, porém, como a gente se perde numa floresta, é coisa que se deve aprender a fazer.” (Walter Benjamin)

“Que eu me organizando posso desorganizar, que eu desorganizando posso me organizar.” (Chico Science)

METODOLOGIA

Passeios monitorados, exercícios de observação, vídeos, debates, palestras, poesia, música, produção de textos diversos e seminários serão as atividades desenvolvidas durante o semestre.

Avaliação:

Presença de 75% em aula, produção e participação em aula.

Bibliografia

1. POE, Edgar Allan. O homem da multidão. Porto Alegre, Edit. Paraula, 1993.

“O célebre conto de Poe “O homem da multidão” é algo assim como o raio x de uma estória policial. Nele, a roupagem representada pelo crime desapareceu. Só restou a mera armação: o perseguidor, a multidão e um homem desconhecido que dispõe sua andança através de Londres de tal forma que ele sempre permanece em meio à multidão (...) Quanto mais um homem é difícil de ser encontrado, mais suspeito ele se torna.” (Walter Benjamin)

2. CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica. SP, Studio Nobel, 1993.
“A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisação cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra.” (Massimo Canevacci, p.18)
3. RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Org. Raúl Antelo. SP. Cia. Das Letras, 1997.
“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós”. (p.45)
4. DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. SP, Brasiliense, 1985. P.25-54
“A casa do Seu Chico fica ali em cima ... do lado da mangueira ... é uma casa com cadeiras de lona na varanda ... tem janelas verdes e telhado, bem velho ... fica logo depois do armazém do Seu Ribeiro ...” (p.26)
5. CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. SP, Cia. das Letras, 1995.
“Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras...” (Ítalo Calvino)
6. CORBIN, Alain. Saberes e odores. SP, Cia. das Letras, 1987, p. 183-256.
“Para o rico, o ar, a luz, o horizonte desimpedido, o retiro do jardim; para o pobre, o espaço fechado, sombrio, os tetos baixos, a atmosfera pesada, a estagnação dos fedores” (p.191)
7. FOUCAULT, MICHEL. O olho do poder. In: *Microfísica do poder*. Rio, Graal, 198, p. 209 - 227.
“Seria preciso fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômicas-políticas. (p. 212)
8. PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. in: MAGALHÃES, Maria C.R. (org.). Na sombra da cidade. SP, Edit. Escuta, 1995, p. 81-116.
“ ..., nas existências marginais, podem se vislumbrar indícios de modos diferentes, minoritários, dissidentes, de produção de subjetividade.” (Nestor Perlongher, p.111)
9. RAMOS, Célia M. Antonacci. Grafite, pichação & Cia. SP, Annablume, 1994.
“ (...) , as imagens tatuadas no corpo da cidade, e consideradas, na maioria das vezes, como marginais à cultura, vão pouco a pouco nutrindo a cultura que as rejeita.” (Célia Ramos, p.45)
10. MARQUES, Ana Cláudia e outros. A arte de produzir território em movimento. Itajaí, Edit.da UNIVALI, 1999, p.15-97.
“As astúcias da vida no trecho exigem dos caminhantes um constante jogo com as regras morais que conhecem e das quais compartilham, sem dúvida, enquanto, com a outra mão, articulam um modo de vida divergente delas. Ambiguidades que marcam não apenas os andarilhos, como também outros segmentos da marginália” (Felipe Faria Brognoli, p. 94)
11. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. SP, Cia das Letras, 1987, p. 273-330.
“Que esfinge de cimento e alumínio abriu seus crânios e devorou seus cérebros e imaginação? (...) “ Em “ Uivo” de Allen Ginsberg

